

A <sup>2016</sup> <sup>ARHO</sup> <sup>1978</sup> Liahona





**A PRIMEIRA PRESIDENCIA**

Spencer W. Kimball  
N. Eldon Tanner  
Marion G. Romney

**CONSELHO DOS DOZE**

Ezra Taft Benson  
Mark E. Petersen  
Delbert L. Stapley  
LeGrand Richards  
Howard W. Hunter  
Gordon B. Hinckley  
Thomas S. Monson  
Boyd K. Packer  
Marvin J. Ashton  
Bruce R. McConkie  
L. Tom Perry  
David B. Haight

**COMITÊ DE SUPERVISÃO**

Marion D. Hanks  
Robert D. Hales  
Dean L. Larsen  
Richard G. Scott

**EDITOR**

Dean L. Larsen

**EXECUTIVO DO INTERNATIONAL MAGAZINE**

Larry Hiller, Editor Gerente  
Carol Larsen, Editor Associado  
Roger Gylling, Desenhista

**EXECUTIVO DA «A LIAHONA»**

José B. Puerta, Editor Responsável  
Maria Antônia Brown, Redatora  
Moacir S. Lopes, Supervisor de Layout

A <sup>31-6</sup> <sup>junho</sup> 1978  
**Liahona**

**HISTÓRIAS E DESTAQUES**

Mensagem da Primeira Presidência.

**Harmonia no Casamento**, Spencer W. Kimball ..... 1

**Para Modificar Seu Casamento, Modifique-se Você**, Afton J. Day ..... 6

**Se Quiser Pagar o Preço**, Lynn Del Mar ..... 11

**Discernimento de Mãe**, Barbara B. Smith ..... 14

**Pergunta & Resposta**, Steve F. Gilliland ..... 16

**Monumento à Mulher**, Moana Bennett ..... 17

**Vida de Solteiro: Fardo ou Dádiva**, Anne G. Osborn .. 31

**Viajar Com um Profeta Missionário**, James O. Mason, M.D. .... 34

**No Alto**, John A. Green ..... 38

**Clássicos dos Profetas Modernos: A Carta Wentworth** ..... 41

**Lembra-se de Mim?**, Spencer W. Kimball ..... 49

**SEÇÃO INFANTIL**

**Em Segurança**, Alice Stratton ..... 21

**Barafunda Familiar**, June Anne Olsen ..... 23

**Quebra-Cabeças Bíblico**, Thelma de Jong ..... 24

**Um Outro Tipo de Coragem**, Maureen Eppstein ..... 26

**NOTÍCIAS DA IGREJA**

**Dada Flexibilidade à Programação de Entrevistas do Sacerdócio** ..... 18

**NOTÍCIAS LOCAIS**

**Em São Paulo o Presidente Finn B. Paulsen** ..... 19

**O Templo e Você — Você Tem Apoio de Seu Cônjuge?** 29

**O Presidente Salik Residindo em São Paulo** ..... 30

**REGISTRO:** está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PUBLICAS, do D.P.F., sob o n.º 1151-P 209/73 de acordo com as normas em vigor.

**SUBSCRIÇÕES:** Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 40,00; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea: US\$ 10,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 4,00. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — c 1977 pela Corporação da Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição brasileira do «International Magazine» de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas e Oficinas Imprensoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. «International Magazine» é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composta pela Linoletra, R. Abolição, 201, tel. 32-7743. Impressa pela Editora Gráfica Lopes, R. Peribebugui, 331, tel. 276-8222, S. Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do «International Magazine». Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.



# Harmonia no Casamento

Presidente Spencer W. Kimball

Um casamento honroso, feliz e estável é, sem dúvida, a meta principal de toda pessoa normal. O casamento é, talvez, a mais importante das decisões, pois afeta não apenas a felicidade imediata, como também a ventura eterna; não apenas as duas pessoas envolvidas, como sua família, particularmente os filhos, e filhos dos filhos por muitas gerações.

Escolher um companheiro para a vida e eternidade merece cuidadoso planejamento, reflexão, oração e jejum, para não errar nesse importante passo, pois este não pode ser dado em falso. O verdadeiro casamento exige harmonia de pensamentos bem como de emoções.

Muitas histórias fictícias terminam com o casamento. "E viveram felizes para sempre." Está provado que a

mera celebração de uma cerimônia não garante felicidade e um casamento estável. Felicidade não se consegue como a luz elétrica, apertando-se um botão; felicidade é um estado mental, vem do íntimo. Precisa ser merecida; não pode ser comprada e não é gratuita.

Alguns pensam que felicidade é uma vida fácil, luxuosa e emocionante; mas o casamento autêntico baseia-se numa felicidade nascida de abnegação, sacrifício, do dar, servir, compartilhar.

Duas pessoas de formação diferente, logo após a cerimônia, descobrem ser preciso encarar a realidade, assumir responsabilidades e aceitar

novos deveres; abrir mão de parte da liberdade pessoal e ajustar-se; que o cônjuge tem fraquezas desconhecidas; que as virtudes continuamente ressaltadas durante o namoro tornam-se relativamente menores, e as fraquezas, antes tão pequenas e insignificantes, agora adquirem grandes proporções. Então chega a hora da auto-avaliação, de um coração compreensivo, de bom senso, raciocínio e planejamento.

Muitas vezes há relutância em fazer os necessários ajustamentos financeiros; certas esposas jovens querem luxo e, por isso, abandonam seus deveres domésticos em favor de uma carreira profissional, o que ten-



*Para sermos realmente felizes no casamento, precisamos guardar fielmente os mandamentos do Senhor.*



de a gerar rivalidade, em vez de cooperação entre o casal. Duas pessoas extenuadas voltam para casa com nervos tensos, orgulho próprio, crescente independência e então surgem os desentendimentos.

São comuns os casamentos discordantes e malogrados. Contudo, a real e duradoura felicidade no casamento é possível, embora não seja fácil. O casamento pode ser um enlevo maior do que a mente humana consegue imaginar. Isto está ao alcance de qualquer casal. Embora todo jovem e a moça devam procurar com toda diligência e piedade um companheiro que lhes permita uma vida compatível e bela, também é certo

que praticamente todo casal de bem pode ter felicidade e um casamento harmonioso, se ambos estiverem dispostos a pagar o preço.

Existe uma fórmula infalível, que garante a todo casal um casamento feliz e eterno; mas, como em toda fórmula, não se podem limitar ou excluir os ingredientes principais. A seleção antes do namoro e o namoro contínuo depois do casamento são igualmente importantes, porém não mais que o casamento em si. Seu sucesso depende dos dois parceiros.

As condições financeiras, sociais, políticas e outras podem ter certo peso; mas o casamento depende primeiro e sempre dos dois cônjuges,



que podem torná-lo feliz e bem sucedido, se assim quiserem, forem desprendidos e justos.

A fórmula é simples.

Primeiro, é preciso encarar o casamento de maneira certa, procurar escolher um cônjuge, o mais perfeito possível em todos aspectos que são importantes para a pessoa.

Segundo, deve haver muita abnegação. Fazer tudo pelo bem da família.

Terceiro, é preciso continuar a corte, dando mostras de afeto, bondade e consideração, para manter o amor vivo e sempre crescente.

Quarto, é preciso viver plenamente os mandamentos do Senhor, conforme definidos no Evangelho de Jesus Cristo.

Com estes ingredientes bem combinados e em constante funcionamento, é quase impossível haver infelicidade, que continue a haver incompreensão ou que ocorram rompimentos.

“Amarás a tua esposa  
de todo teu coração e  
a ela te apegarás  
e a nenhuma outra.”

Os que pretendem casar-se devem compreender que casamento significa sacrifício, compartilhar e mesmo certa redução da liberdade pessoal. Significa economizar longa e duramente. Significa filhos que trazem despesas, trabalho, cuidado e preocupação. Mas significa também as mais profundas e doces emoções.

Antes de casar, cada pessoa tem bastante liberdade de ir e vir como lhe apraz, de organizar e planejar sua vida com lhe parecer melhor, de tomar as decisões em função do próprio eu. Os enamorados deveriam dar-se conta, antes de fazer os votos, que é preciso aceitar literal e plenamente que o bem-estar da nova família deve sempre prevalecer sobre o de cada um. Toda decisão deve levar em conta que os afetados por ela serão dois ou mais. Agora, ao ter que tomar decisões importantes, a esposa se preocupará com os efeitos sobre os pais, os filhos, o lar e respectiva vida espiritual. A profissão do marido, sua vida social, amigos e mesmo interesses, devem agora levar em conta ser ele apenas parte da família, e que é preciso considerar o todo.

Mesmo não sendo sempre calmo e sem incidentes, o casamento pode ser de muita paz. O casal pode ter que enfrentar pobreza, doença, desapontamentos, fracassos e até a morte na família, sem que tudo isso lhes roube a paz. O casamento terá sucesso, enquanto não houver egoísmo nele. Se houver total abnegação, as dificuldades e problemas farão dos pais uma união inquebrantável. Durante a depressão econômica dos anos trinta, a taxa de divórcio caiu. Pobreza, fracassos, desapontamentos uniram os pais. A adversidade consegue cimentar relações que a prosperidade pode destruir.

Abnegação total consome ainda outro fator no casamento feliz. Quando se busca sempre o interesse, conforto e felicidade do outro, o amor nascido no namoro e cimentado no casamento adquirirá enormes proporções. Para sermos realmente

felizes no casamento, precisamos guardar fielmente os mandamentos do Senhor. Ninguém, solteiro ou casado, foi jamais sublimemente feliz sem ser justo.

A pessoa possuidora de profundas convicções religiosas não consegue ser feliz enquanto inativa na Igreja. A inatividade é destrutiva para o casamento. Este é ordenado por Deus, não um mero costume social. Sem um casamento apropriado e bem sucedido, não há exaltação. Leiam as palavras do Senhor, que é certo e direito casar.

Se duas pessoas amam o Senhor mais que a própria vida, e depois amam um ao outro mais que a própria vida, trabalhando juntos em total harmonia com o programa do evangelho com estrutura básica, terão garantida essa grande felicidade.

Quando marido e mulher vão juntos ao santo templo com freqüência, ajoelham-se juntos com a família no lar, comparecem às reuniões religiosas, conservam sua vida inteiramente casta — mental e fisicamente — de modo que possam concentrar todos os seus pensamentos, desejos e afeto no companheiro, trabalhando juntos na edificação do reino de Deus, o resultado será felicidade.

Disse o Senhor: “Amarás a tua esposa de todo teu coração e a ela te apegarás e a nenhuma outra.” (D&C 42:22.)

Isto quer dizer igualmente: “Amarás a teu esposo de todo coração e a ele te apegarás e a nenhum outro.” Frequentemente muitas pessoas continuam apegadas ao pai, mãe e amigos. Às vezes, a mãe não quer ceder a influência que tinha sobre os fi-

lhos; e tanto maridos com mulheres voltam ao pai ou mãe em busca de conselho ou para fazer confidências, quando deveriam apegar-se ao cônjuge em quase tudo, e manter em grande segredo e reserva todas as intimidades.

A vida de casado deve tornar-se independente dos pais. Amem-nos mais que nunca; apreciem seus conselhos; desfrutem de sua companhia; mas levem vida própria, governada por suas próprias decisões, suas próprias fervorosas considerações, depois de receber conselho daqueles que o devem dar. Apegar-se não é apenas viver sob o mesmo teto; é unir-se intimamente e permanecer unidos.

“Portanto, é legítimo que... os dois... [sejam] uma só carne, isto tudo para que a terra cumpra o fim da sua criação;

“E para que se encha com a medida do homem, de acordo com a sua criação já antes da fundação do mundo.” (D&C 49:16-17.)

Irmãos, digo que esta é a palavra do Senhor. É muito, muito séria, e ninguém deveria questioná-lo. Ele fez a terra, criou o homem. Ele sabe das condições. Ele estabeleceu o programa, e não somos bastante inteligentes ou espertos para conseguir dissuadi-lo dessas importantes coisas. Ele sabe o que é direito e certo.

Pedimos que pensem nessas coisas. Assegurem que seu casamento esteja certo. Assegurem que sua vida esteja certa. Assegurem estar desempenhando devidamente a sua parte no casamento.

(De um discurso proferido a 7 de setembro de 1976, na Universidade Brigham Young.)

# Para Modificar Seu Casamento, Modifique-se Você

Afton J. Day

**H**á pouco, revi uma velha amiga de colégio e, naturalmente, acabamos falando de marido, casa e filhos, tudo adquirido desde nosso último encontro. Perturbou-me o desânimo de Ana que transparecia em comentários como: “Como sabe, o João nunca foi muito ativo na Igreja”, e como que procurando justificar-se: “Passei a tomar café — João toma e assim, acho que posso também.”

Num caso semelhante, certo professor de Escola Dominical recomendou um livro para melhorar o relacionamento familiar. “De que adianta?” lamentou um recém-batizado. “Só funciona, se ambos lerem, e minha mulher não lê coisa alguma que trago da Igreja.”

O modelo de família ideal desanima muitos membros da Igreja. A simples menção da família celestial, na qual o pai exerce o sacerdócio e adora a mulher contente e colaboradora, provoca sentimentos de desespero e até hostilidade em alguns.



Muita gente não se identifica com tal imagem, e em geral decide que a sua família está fadada à existência terrestre ou que deve, conscientemente ou inconscientemente, rejeitar o membro da família aparentemente culpado.

Tal rejeição parece uma tentativa sutil de infringir o arbítrio alheio. Todos recebemos a liberdade e encargo de dominar uma única pessoa — nós, sendo advertidos contra exercer domínio sobre outros. Todavia, ao mesmo tempo, nós, membros



da Igreja, somos incentivados a inspirar e influenciar. Então, o primeiro passo para uma ação positiva é reconhecer o que podemos e devemos fazer, e o que infringiria o arbítrio alheio.

O casamento torna-se enfadonho, até mesmo amargo, quando um ou ambos os parceiros adquirem o mau hábito de reagir a uma situação desagradável, em vez de planejar e esforçar-se para criar uma agradável. Quando isto acontece, geralmente temos estas situações:

1. Você usa seu cônjuge como desculpa para esforçar-se menos do que deveria. Exemplo: “Minha mulher nunca liga para o que faço por ela, por isso que adianta?”, ou: “Jorge nem parece notar se a casa está limpa ou não, então por que me matar?”

2. Você escolhe um meio ineficaz de mudar as coisas, como criticar (“Esta casa parece que não vê vassoura há anos!”), reclamar (“Meu marido não liga a mínima para a Igreja. Como eu invejo vocês, que têm o sacerdócio no lar!”), racionalizar (“Se tivesse apoio de minha mulher, eu seria um bom pai”), ameaçar, regatear ou lançar ultimato. Podem ser reações honestas, mas não levam a nada.

Se resmungar, forçar, insinuar, criticar, reclamar, racionalizar e regatear não adianta nada para alcançarmos as metas em nosso lar, fazer o quê?

Primeiro, devemos decidir quais as metas importantes no casamento. Um lar feliz, uma atmosfera cristã, um ambiente próprio para crescimento e progresso — são sumamente aceitáveis e merecem muito tempo e empenho. Por outro lado, um objetivo que envolva reformar a personalidade do cônjuge segundo seus desejos, não se coaduna com o plano do Senhor, e certamente levará a menos amor e respeito mútuos — requisitos imprescindíveis num relacionamento celestial.

Segundo, a chave para toda relação humana, seja de pai para filho, professor para aluno ou marido para mulher, é sincero respeito pelo outro. **Sincero** respeito, mais que simples respeito pelos aspectos de sua personalidade que nos agradam, implica respeitar o direito da pessoa de ser ela mesma, seja o que for. Entendendo o destino divino do homem e nossos estritos padrões do evangelho, sabemos que esse respeito é vital, embora, a princípio, possa parecer difícil.

Terceiro, temos que evitar a “luta pelo poder”, tropeço comum na busca do bom relacionamento familiar. Nenhum SUD, é óbvio, se envolveria deliberadamente numa luta marital dessas; cremos que o marido é o cabeça do lar, e a esposa deve apoiá-lo em retidão. Mas, de algum modo, sem mesmo percebermos o que está acontecendo, muitos de nós nos enredamos numa batalha para vencer, controlar, conseguir poder sobre o outro. A questão de quem deve cuidar do lixo, o problema de persistente desmazelo ou freqüentes desentendimentos sobre quem convidar para o jantar, podem ser manifestações da tentativa de um cônjuge para dominar, e da decisão do outro de resistir.

A luta pelo poder que transparece num casamento em problemas banais como arrumar o armário ou cuidar do lixo, pode manifestar-se igualmente em assuntos importantes. Assim

como muitas mulheres reagem negativamente a sugestões sobre trabalhos caseiros, tenho visto maridos e esposas querendo conservar a liberdade de decidir se e quando freqüentar regularmente a Igreja, se e quando parar de fumar, se ou quando ouvir os missionários. Às vezes, quando se remove a pressão e a atitude de “eu-sei-o-que-é-certo” é substituída pela de “respeito-sua-capacidade-de-decidir-o-que-é-melhor - para-você”, todos os familiares tornam-se mais receptivos às bênçãos espirituais.

E quanto à nossa responsabilidade de chamar ao arrependimento? Sabemos que o portador do sacerdócio deve governar a família; as escrituras dizem que o marido é o cabeça da mulher, como Cristo é o cabeça da Igreja. (Ef. 5:23.) Entretanto, as escrituras modernas indicam que o portador do sacerdócio deve exercer sua autoridade com muita cautela, evitando toda coerção ou despotismo. Ver (D&C 121:37-39.) As mulheres da Igreja têm sido exortadas a “induzir” o marido a boas obras. E até mesmo um exame superficial das escrituras e história da Igreja mostra termos todo direito e responsabilidade de lembrar e exortar. Todavia, Joseph Smith advertiu as mulheres da Sociedade de Socorro em Nauvoo, contra a implicância.

“Não deveis implicar com vossos maridos por causa de seus atos, mas fazei com que sintam... vossa ino-

cência, bondade e afeto. . . Que não haja guerra, altercação, contradição ou disputa, mas mansuetude, amor, pureza — coisas que hão de magnificar-vos aos olhos de todo bom homem.” (**Documentary History of the Church**, 4:605.)

A seção 121 de Doutrina & Convênios promete que o Espírito Santo ajudará os portadores dignos do sacerdócio a saber como usar melhor o poder de Deus ao lidar com os outros. (Ver D&C 121:43.) Néfi diz que tal privilégio não é só dos portadores do sacerdócio, mas que o Espírito Santo “é o dom concedido por Deus a todos os que o procuram”. (1 Néfi 10:17.) E que dom inestimável é este, de particular necessidade para todos nós com fortes preconceitos e hábitos arraigados a vencer.

Descobri um quarto importante princípio para alcançar metas no lar, numa recente reunião para élderes em perspectiva. Ali ouvimos o testemunho de um homem que, dois ou três anos atrás, caberia na classificação dos sem-nenhum-interesse-pela-Igreja. Quando se levantou, lembrei-me das tardes que passei escutando sua mulher falar da sua falta de consideração por ela e da sua amargura e cinismo para com a Igreja. Aquele moço simpático, caloroso, não lembrava em nada a pessoa descrita pela esposa. Contou como, anos antes, o relacionamento deles chegara a um estado descrito como “apenas tolerável”.

— A coisa andava mal — contou. — Não creio que nos divorciássemos, pois ambos sabíamos como seria ruim para os garotos; sei que também não lhes estávamos fazendo grande bem. Nanci costumava amolar-se com entrar na Igreja, dar bom exemplo para as crianças e uma porção de coisas; às vezes, tornava-se arredia e fazia como se eu não estivesse ali. Embora reclamasse vez ou outra, acho que ficava tão aliviada quanto eu, quando trabalhava até mais tarde ou saía com as crianças, só para ficar longe de casa.

— Um dia, Nanci mudou. De repente, começou a agir como se realmente se importasse comigo, fazendo certas coisinhas que costumava fazer quando éramos namorados. A princípio, fiquei desconfiado; ela já tivera desses repentinos depois de ler um artigo ou livro ou coisas assim, mas não duravam. Dessa vez, parecia sério, e o mais assombroso é que não demonstrava esperar nada em troca!

Impressionou-nos seu relato de como sua atitude mudara devido à conduta de Nanci. Chamou-o de milagre, e eu disse um silencioso amém.

Nanci me falou da modificação por que passara. Disse que um dia se deu conta da seriedade da situação e aplicou o que aprendera, quando as coisas pareciam irremediáveis. A despeito de seu abatimento espiritual, decidiu expor seu problema ao Senhor.

— Eu lera em alguma parte, — explicou — que uma prece em voz alta muitas vezes é mais eficaz, e eu precisava de toda vantagem que pudesse obter. Naquela tarde, fechada no quarto, orei alto com mais fervor e humildade do que jamais fizera. Confessei saber que o Senhor não estava satisfeito com nosso lar e falei de meu desejo de melhorá-lo. Roguei ao Senhor que ajudasse meu marido a ter mais consideração e a entender o evangelho. Bem, não digo que ouvi uma voz, tive uma visão ou coisa assim, apenas um pensamento surgiu-me na mente conturbada. Primeiro, pensei que meus pensamentos divagavam e envergonhei-me de minha falta de concentração. Mas o pensamento, sei agora, não vinha de mim. Tinha que ser a resposta, embora não fosse bem o que eu queria! A idéia veio com clareza e impacto: “Quando fores perfeita, podemos começar a cuidar dele!”

— Por mais duro que fosse, senti-me compelida a fazer um esforço supremo para ser melhor esposa. Pelo menos tinha de tentar! Meses mais tarde, durante a reunião sacramental, recebi nova manifestação. Falou-se algo que focalizou minha atenção num casal da ala que eu muitas vezes admirara, invejara mesmo por seu bom e espiritual relacionamento. Fui tomada de repente por uma sensação de paz, quase enlevo; e **soube** ter força interior para fazer de nosso lar um local santo e celestial.

— Uma sensação semelhante ao ardor, suponho, sentido quando alguém se converte ao evangelho, dizia-me que o Senhor estava vigiando, ajudando, atuando no meu marido e que se sentia satisfeito com o esforço dele no trabalho e na comunidade. Naquele dia, compreendi de verdade o enorme amor do Pai Celestial por meu marido e senti-me profundamente envergonhada da **minha** hostilidade.

Governar a si mesmo, respeitar e aceitar o outro, evitar lutas pelo poder, mente aberta à insinuação do Santo Espírito. Simples? Muito. Precisei de centenas de palavras para dizer o que o Salvador disse em onze: “Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei.” (João 15:12.) Fácil? Infelizmente não. Tarefas tão compensadoras raramente o são. Ao aceitar o desafio de “edificar” o casamento, a gente abdica de todo direito à evasão e colaboração equitativa. Haverá momentos de solidão, a princípio, e horas em que só o Pai Celeste pode ajudar-nos a decidir quando ceder e quando ficar firme. Seria deslealdade minha prometer uma mudança positiva em seu companheiro resultante de seu esforço, porque, lembre-se, não é isso o que você pretende; mas as leis têm meios próprios de se cumprirem; não se admire, pois, com certos resultados emocionantes de **todas** as direções!

# “Se Você Quiser Pagar o Preço”

Lynn Del Mar

Davi e Neli estavam casados havia quatro anos. Viver isolados, longe dos amigos numa fazenda perto das Montanhas Rochosas Canadenses, cimentara sua união. Eram basicamente felizes, mas havia momentos de angústia na vida de Neli, quando algo de dentro parecia protestar. Sinceramente admitia estar insatisfeita consigo mesma.

Davi não era membro da Igreja. Neli casara-se com ele por amor,



acreditando implicitamente que conseguiria convertê-lo. Mas, após o casamento, ele foi perdendo o interesse pela Igreja. Qualquer tentativa que ela ou os amigos fizessem de falar de religião, pareciam torná-lo ainda mais arredio. Finalmente disse abertamente que seriam melhores amigos, se não se mencionasse religião.

Nessa época, o Irmão Marlen e seu companheiro foram designados mestres familiares do casal. Toda visita representava uma viagem de sessenta quilômetros, e no inverno, com neve alta, exigia dois dias. A primeira visita aconteceu no inverno, e os mestres familiares foram convidados a pernoitar. Davi mostrou-se esplêndido anfitrião, enquanto não se falou da Igreja; como de costume, negou-se a debater o assunto. Atendendo ao desejo dele, passaram uma noite agradável e, chegando a hora de recolher, o Irmão Marlen solicitou o privilégio de se ajoelharem em oração com o casal, no que foi atendido; na prece, invocou as bênçãos do Senhor sobre aquele lar.

Antes de partirem na manhã seguinte, Davi fez algumas perguntas sobre o evangelho, mas o Irmão Marlen respondeu: — Como quero ser seu amigo, é melhor não falarmos nisso.

Mas Davi os convidou a voltarem mensalmente. No mês seguinte, repetiu-se a noite agradável, mas dessa vez falaram do evangelho até quase de madrugada. Na outra manhã, antes de partirem, Neli chamou o Irmão Marlen de lado: — Eu daria tudo para Davi enxergar a verdade do evangelho e entrar na Igreja.

— Neli, — respondeu ele, — vou aceitar sua palavra. Fui movido a fazer-lhe uma promessa: se quiser pagar o preço, realizará seu desejo. — A seguir, indagou:

— Você guarda a Palavra de Sabedoria?

De olhos baixos, ela disse: — Sa-be como é, Davi não entende. Ele gosta de chá e café, e para ser gentil, eu acompanho. Mas eu lhe falei da Palavra de Sabedoria.

— Bem, — retrucou o Irmão Marlen, — mas de que servem suas palavras, se não faz o que prega?

Certamente  
não é fé, pois esta  
nos leva  
a agir.

Na visita seguinte, Neli os recebeu contente, dizendo:

— Como estou feliz! Davi deixou de tomar café e chá. Quando percebeu que eu não tomava, quis saber o motivo. Então expliquei que havia sido injusta para com ele, pois aprendera a Palavra de Sabedoria desde criança, mas não tivera força para vivê-la. Falei de seu valor, mas dava um péssimo exemplo quebrando-a. Então, na manhã seguinte, quando eu preparava o desjejum, ele disse que não precisava mais fazer chá ou café para ele.

Na manhã seguinte, o Irmão Marlen perguntou: — Neli, você ora?

Depois de um momento, ela respondeu: — Não. Davi nunca fez fé

na oração, e depois de casada, acabei esquecendo de fazê-lo.

— Mas você diz crer na oração?

— Sim, creio.

— Até que ponto você crê? Certamente não é fé, pois esta nos leva a agir. Você sabe o que prometeu. Está ainda disposta a cumprir?

— Estou, sim.

— Então penso que deve pedir a seu marido que ore com você. Se ele não quiser, continue a orar fielmente; ele acabará cedendo.

Ele gosta  
de chá e café,  
e para ser gentil  
eu acompanho.

O mês seguinte trouxe mais progresso. Ao fim de uma noite agradável, Davi falou:

— Poderíamos fazer uma oração antes de nos recolher?

Antes de partirem, perguntaram a Neli: — Você paga o dízimo?

— Não. Veja, Davi não acredita nisso e é ele quem ganha o dinheiro.

— Mas você não tem mesada? O Senhor manda dizimar nossa renda, e o dízimo de um dólar é-lhe tão aceitável quanto de mil dólares. Se crê na lei do dízimo, deve cumpri-la.

Na visita seguinte, Neli pagou três dólares de dízimo, o primeiro desde que saíra de casa. Quando os mestres familiares concluíram a visita do outro mês, Davi comentou:

— Gostaria de pagar algum dízimo, se quiserem aceitá-lo.

— Por que paga o dízimo? — veio a pergunta.

— Porque minha mulher me venceu do valor das bênçãos recebidas pelos que fielmente observam esse princípio.

Neli foi elogiada pelo progresso na conversão do marido.

— Mas, falta ainda um passo importante. Tem que fazê-lo ir à reunião sacramental.

— Isso vai ser duro. Ele gosta de passar o domingo no parque.

— Você precisa convencê-lo da necessidade de guardar o dia do Senhor. E isto só será possível com sua sinceridade. Externe o desejo de ir à Igreja regularmente e convide-o a acompanhá-la.

Davi acedeu ao pedido de Neli e, quando chegou o inverno, eles iam regularmente à reunião sacramental. Pouco tempo depois, ele foi batizado e quando se inaugurou o Templo de Alberta, ele e Neli estavam entre os primeiros a receber o próprio endowment e serem selados em união eterna.

À pergunta: “O que influenciou mais sua conversão?”, Davi respondeu:

— Prefiro **ver** um sermão do que **ouvir** um todos os dias.

# Discernimento de Mãe

**Bárbara B. Smith**

Presidente geral da Sociedade de Socorro.



Quando o patriarca pediu a meu filho Blaine que fosse receber sua bênção patriarcal acompanhado do pai e de mim, todos em jejum, explicou-lhe que isso o ajudaria a dar a bênção que o Senhor desejava para Blaine.

Chegamos à casa do patriarca. A bênção foi uma experiência marcante. Eu sabia de antemão o que o patriarca iria dizer. O Senhor parecia estar-me concedendo um discernimento especial de coisas que eu precisava saber.

Passados alguns anos, Blaine estava em idade de fazer missão. Ele se interessava por esportes, estudos e uma porção de outras coisas, e sair em missão não se enquadrava em seus planos. Um dia, perguntou ao pai:

— Pai, eu tenho que fazer missão?

O pai respondeu, espaçando as palavras refletidamente: — Não... Blaine... você não **tem** que fazer missão. Meus filhos devem tomar essa decisão e fazer missão porque **querem**.

Então ele veio a mim e disse que o pai falara que não tinha que ir, e por isso não iria.

— Mas, Blaine, — respondi, — e a sua bênção patriarcal? Ela diz que você levaria o evangelho a muita gente.

Ele não disse nada, mas ficou pensativo. Tempos depois, encontrou por acaso um amigo, vítima de pólio, que acabava de voltar de missão, emocionado e contente.

— Ei, David, — indagou, — por quê você fez missão?

— Ora, Blaine, eu a fiz pela razão que deveria ser a de todos, para mostrar ao Senhor que o amo.

A observação caiu em solo fértil. Lembrou-se da bênção patriarcal e comprometeu-se a servir ao Senhor no campo missionário. Minha notável presciência da bênção de Blaine ajudou-me bastante a auxiliá-lo a decidir-se pela missão. Acho que toda mãe em Sião tem direito a tal tipo de auxílio espiritual no preparo de seus filhos para o privilégio e responsabilidade do serviço missionário.

Como presidente geral da Sociedade de Socorro, tenho muitos motivos para considerar a influência do Espírito Santo em minha própria vida e na vida de um milhão e duzentas mil mulheres pertencentes à Sociedade de Socorro no mundo inteiro.

O apelo urgente do Presidente Kimball em prol da expansão da obra do Senhor aqui e agora, obriga a Igreja a dar-se conta de que o contingente missionário tem que ser suprido pelos membros de cada país. Isto faz que nós, mães, reconheçamos o grande trabalho que nos espera quanto ao ensino dos filhos, para que amem ao Senhor o suficiente para desejar servi-lo.

Não importa quão limitada seja nossa vivência na Igreja, todas temos acesso ao grande testificador, o Espírito Santo, cujo chamado é prestar testemunho da verdade. Com esse testemunho no coração, somos capa-

zes de servir melhor, aperfeiçoar nossa capacidade e empenhar-nos na busca da excelência. Tenho visto em todo o mundo o trabalho de mulheres devotadas e dedicadas à obra do Senhor, e estou certa de que todas nós conseguiremos dedicar-nos a criar uma geração desejosa de servir ao Senhor. Nada é impossível, quando mãos diligentes se aliam às forças dos céus, nem mesmo a criação de filhos missionários em todas as culturas do mundo.

Vi o magnífico trabalho feito por recém-conversos e estacas recentes. Há pouco tempo, na Cidade do México, uma estaca recém formada apresentou uma gloriosa mostra de todas as facetas da Sociedade de Socorro. Conversei também com alguns recém-conversos numa das últimas conferências gerais da Igreja. Tinha vindo de longe, para assistir a ela. Quando indaguei o que o evangelho trouxera para suas vidas, todos responderam com muita candura e, embora as experiências diferissem, todos sentiam-se grandemente abençoados em ter a luz das verdades restauradas para orientá-los e dar propósito à vida.

O evangelho nos ensina a amarmos um ao outro em nosso lar e a demonstrar amor aos nossos semelhantes. Fazer nossa luz brilhar com amor ajudará nossa família. Dentro das quatro paredes de um lar amoroso, nossos filhos podem aprender os princípios do evangelho e a desejar servir ao Senhor, adquirindo conhecimento e buscando a excelência.

Na busca dessas metas, a pessoa — você e eu — pode receber a influência motivadora do Santo Espírito. Isto me tem acontecido muitas vezes.

E a sua  
bênção patriarcal?  
Ela diz  
que você levará  
o evangelho  
a muitos . . .



### **É VERDADE QUE NA VIDA PRÉ-MORTAL CADA UM DE NÓS SE COMPROMETEU A PROCURAR E CASAR-SE COM DETERMINADA PESSOA AQUI?**

**P**elo que sei, não sabemos a resposta. É uma questão levantada seguidamente pelos santos dos últimos dias, em particular ao considerarmos a natureza de nossa experiência pré-mortal. Como os membros da Igreja têm abordado o assunto, seus líderes ocasionalmente o comentam. Vou citar algumas observações que conheço e que fornecem certa orientação que reputo proveitosa.

Primeiro, pelos escritos dos profetas, sabemos que muitos fizeram convênios com o Senhor antes da mortalidade. (Por exemplo, diz Joseph Smith: Todo homem chamado a ministrar aos habitantes do mundo, foi ordenado a esse mesmo propósito no Grande Conselho dos céus, antes de este mundo existir. Suponho ter sido ordenado ao meu ofício no Grande Conselho. (History of the Church 6:364; ver também, Alma 13:3-9.)

Quão genéricos ou específicos eram esses convênios, não sei. Sei de alguns santos dos último dias, cuja bênção patriarcal afirma que fizeram convênio pré-mortal com seu cônjuge.

Todavia, com respeito à aplicação universal ou princípio geral, a Pri-

meira Presidência declarou em 1971 que: “não temos palavra revelada no sentido de termos escolhido nossos pais, marido e mulher no estado pre-existente”. (Carta dirigida a Joe J. Christensen, Comissário adjunto para Seminários e Institutos, 14 de junho de 1971.)

Em 1931, dizia o Élder Joseph Fielding Smith: “É possível que em certas circunstâncias seja verdade, mas seria preciso muita imaginação para crer que o seja em todos, ou mesmo na maioria dos casos.” (**The Way to Perfection**, Genealogical Society p. 44.)

Com respeito a um desses casos específicos, alguns membros gostam de citar um artigo de Élder John Taylor, de 1857, no qual sugere que, pelo menos em um caso, ele sentiu que houvera um compromisso pré-mortal. (Ver “The Mormon”, 29 de agosto de 1857.)

Mas a resposta dada pelas autoridades é que “não temos palavra revelada” sobre este assunto. E neste como em muitas questões semelhantes, somos aconselhados a evitar a pregação de doutrinas não claramente definidas nas escrituras ou pelos profetas atuais. (Élder Harold B. Lee, discurso dirigido a funcionários de seminário e instituto, 8 de julho de 1966, pp. 6-7.) É um bom conselho, mesmo para os membros que acham dispor de revelação pessoal sobre o assunto. Sem dúvida, o mais sensato para qualquer de nós é basear um relacionamento em seus próprios méritos, em lugar de algum suposto compromisso pré-mortal.

Steve F. Gilliland, Diretor do Instituto de Religião, Cambridge, Massachusetts.

# Monumento à Mulher Moana Bennett

Quando neste mês, em Nauvoo, Illinois, o Presidente Spencer W. Kimball dedicar o monumento da Sociedade de Socorro, estará homenageando as mulheres por suas contribuições à família humana. Nesta época, em que o papel da mulher está sendo questionado e investigado, o Evangelho de Jesus Cristo provê o modelo claro, eterno em meio às confusas e vulgares filosofias dos homens. Ilustrando o conceito SUD do papel da mulher no plano evangélico, o monumento mostrará as diversas mordomias e responsabilidades. É o maior monumento já erguido à mulher.

A cerimônia dedicatória acontecerá na quarta-feira, 28 de junho de 1978, em Nauvoo, seguida de três dias de celebração. Nessas três noites será apresentada uma produção dramática em homenagem às mulheres da Igreja. No dia 29, haverá uma reunião geral da Sociedade de Socorro e reunião de testemunhos.

O monumento compõe-se de uma série de esculturas ilustrando a feminilidade, dispostas num belo parque localizado atrás do centro de visitantes de Nauvoo. A figura central é uma mulher jovem, prestes a escolher confiante seu caminho num mundo repleto de opções. Ela representa as mulheres de todas as idades e tempos. Outras esculturas prestam tributo à intelectualidade, serviço compassivo, espiritualidade, relações com pessoas de todas as idades, laços familiares, vida e companheirismo eterno da mulher.

Em março deste ano, fez 136 anos que a Sociedade de Socorro foi fun-

dada. Diz Bárbara B. Smith, presidente geral da Sociedade de Socorro: "Nauvoo foi escolhida como local desse importante monumento, por ter sido o berço da Sociedade de Socorro, onde o Profeta Joseph Smith girou a chave em prol das mulheres, prometendo que conhecimento e inteligência seriam derramados sobre elas e se tornariam uma bênção para todos os necessitados. (Ver History of the Church of Jesus Christ of Latter-day Saints.)"

Desde que as primeiras dezoito mulheres se juntaram para formar a Sociedade de Socorro, a organização acompanhou o crescimento da Igreja. Após um ano, contava cerca de 1 200 membros, e hoje sobem a mais de 1 200 000 associadas.

As contribuições para o monumento vieram de muitas terras em que as mulheres uniram seus esforços em criativos projetos de levantamento de fundos para financiamento de sua construção.

"Não é acidental que o Senhor nos tenha dado uma organização genuinamente internacional, "declara a Irmã Smith. "Ele preparou-nos uma associação que pode ser uma força benéfica na vida das mulheres de todo o mundo. Deu-nos meios de proporcionarmos às mulheres força, companheirismo e perspectivas eternas, a fim de poderem cumprir seu destino na mortalidade e nas eternidades vindouras. Desejamos que o monumento à mulher simbolize nossa profunda fé em cada mulher e no valor de sua vida bem vivida."

## Dada Flexibilidade à Programação de Entrevistas do Sacerdócio

Com o objetivo de fazer com que os líderes do sacerdócio tenham mais tempo para dedicar a suas famílias e membros dos quoruns, a Primeira Presidência autorizou mais flexibilidade na realização de entrevistas pessoais do sacerdócio. Tais entrevistas, que eram anteriormente realizadas todos os meses, podem agora ser ajustadas de acordo com as necessidades locais e a inspiração, de modo que se realizem pelo menos trimestralmente. Os líderes do sacerdócio ligados ao assunto foram avisados através de carta da Primeira Presidência, datada do mês de março.

“Algumas das entrevistas pessoais do sacerdócio que envolvem líderes da Igreja podem estar tomando mais tempo do que o necessário para preencher os propósitos de tais entrevistas,” declara a carta.

Sugere-se que os líderes do sacerdócio planejem as entrevistas levando em consideração fatores como distância de viagem, propósitos das entrevistas e o tempo exigido para o cumprimento das designações.

“Esperamos que esta flexibilidade venha a permitir que os líderes do sacerdócio dêem mais atenção a suas próprias famílias e ao seu próprio de-

envolvimento físico e espiritual,” diz a carta. “Que eles também disponham de mais tempo para servir e aconselhar os membros com mais eficiência, assim como administrar os programas da Igreja.

A carta sugeriu também aos líderes do sacerdócio que consultem o Manual do Sacerdócio de Melquisedeque, páginas 11 a 13, quanto aos propósitos dessas entrevistas, que não foram modificados.

Devem-se fazer agora maiores progressos, e mesmo realizar entrevistas mais marcantes, acentuou a carta. Os deveres dos mestres familiares de reunirem-se com suas famílias pelo menos uma vez por mês, não mudaram. Comunicações urgentes ou especiais poderão ser transmitidas pelo mestre familiar entrando imediatamente em contato com seu líder do sacerdócio. Os mestres familiares devem também comunicar suas visitas mensais por telefone ou de outra forma. Antes desta autorização, as entrevistas eram realizadas mensalmente pelo presidente da estaca, em reunião com os bispos; os bispos, com os líderes do quorum; os líderes de quorum com os mestres familiares e a presidência da estaca com os líderes de quorum.

## Em São Paulo o Presidente Finn B. Paulsen

Já se encontra residindo em São Paulo o irmão Finn B. Paulsen, presidente do templo. Ele veio acompanhado da esposa, Sarah Paulsen, e designado pelo presidente da Igreja, Spencer W. Kimball, única pessoa no mundo com autoridade para delegar o poder do selamento para a eternidade.

O casal Paulsen tem cinco filhos, quatro moças e um rapaz, todos casados, que permaneceram nos EUA assim como seus oito netos. Apesar de estarem somente os dois residindo em São Paulo, já fizeram muitos amigos e já estão bem familiarizados com o modo de vida do povo paulista.

Em seu apartamento nas Vertentes do Morumbi eles falam de seu chamado, e seus planos de trabalho.

Elder Paulsen, por estar mais familiarizado com o idioma, fala primeiró:

— “O chamado foi em fevereiro. Num manhã, quando cheguei ao meu es-

critório, havia um recado do presidente Kimball para que eu e minha esposa fôssemos ao seu escritório para sermos entrevistados. Não sabia do que se tratava, mas, disse a minha esposa: — Deve ser alguma coisa muito importante e tenho certeza que vai modificar totalmente nossas vidas. Irmã Sara concluiu a afirmação do marido. — “Ele conversou mais de uma hora conosco; parecia que aquela era a coisa mais importante que ele tinha para fazer no momento, tal era a atenção que nos dedicava. Interrogou-nos e orientou-nos sobre nossa responsabilidade diante da nova tarefa.”

Presidente Paulsen conta que tiveram um ano de preparação antes de aqui chegarem. Passaram por diversos templos nos EUA, aprendendo sobre organização e funcionamento. Consideram a tarefa uma coisa não muito simples, que requer muitos detalhes. — “Sentimo-nos muito humildes diante desse chamado e com uma



Presidente Finn B. Paulsen e Irmã Sara B. Paulsen

paz interior tão grande, capaz de nos fazer compreender que essa é a designação do Senhor e é aqui que ele nos quer servindo. Temos certeza de que ele cuidará de tudo que deixamos para trás, e que é para o templo de São Paulo que devem estar voltadas nossas preocupações.”

Sobre as responsabilidades do templo de São Paulo, presidente Paulsen diz que elas se restringem exclusivamente à área que este compreende e sua autoridade foi delegada somente para esta Casa do Senhor. De forma que o treinamento e seleção dos membros cabe ao sacerdócio local dos países a que esse templo abrangera e conclui: — “Uma vez que o membro entra no templo com autorização, a responsabilidade passa para as minhas mãos: para ajudar nesse grande programa a Igreja contratou alguns funcionários escolhidos entre o sacerdócio maior como o caso do irmão Salik e outros. Para a minha ajuda direta, serei assistido por dois conselheiros, que já foram designados. Trata-se do presidente José Benjamin Puerta, da Estaca São Paulo Oeste, e o presidente Angel Fernandes, da Missão Rosário Argentina. Eles servirão durante o mesmo tempo que eu, um período de 3 a 5 anos e serão desobrigados junto comigo. Além disso teremos os missionários do templo, que são casais já aposentados, que ajudarão em todas as ordenanças e treinamentos do templo pelo período de 18 meses, tal como os proselitistas, arcando com todas as suas despesas, no momento, estão trabalhando nos templos dos EUA.”

Quanto às chaves para o selamento e outras ordenanças para a eternidade, além da presidência, outros portadores do sacerdócio também terão essa autoridade, mas elas só poderão ser delegadas para esse templo e a única pessoa no mundo que as possui e pode delegá-las a alguém é o presidente da Igreja. “Nós recebemos um poder para exercer, mas não poderemos delegá-lo a ninguém” acrescenta o presidente Paulsen.

A participação feminina no templo também será bem intensa; e a irmã Sara

Paulsen, como esposa do presidente, é quem terá a responsabilidade de preparar as senhoras e moças que entrarão no templo, para receber as ordenanças e selamento; também estará sob sua responsabilidade o serviço de lavanderia e lançonete.

— “Tenho certeza de que esse será um tempo de muito trabalho, pois tudo estará em fase de organização e é a primeira vez que somos chamados para essa função. Mas, estou pronta a atender com minha dedicação e servir junto aos irmãos sul-americanos com muito amor, da mesma forma como servi na junta geral da Primária, com 1.ª conselheira. Tive oportunidade de trabalhar com irmãs maravilhosas, que são verdadeiros anjos, e é com o mesmo entusiasmo que recebo mais essa missão.”

Presidente Paulsen, falando novamente da dedicação do templo, diz que, em virtude do grande número de pessoas que virão de outros países do continente e também do norte do país, para a cerimônia, haverá um grande acúmulo de trabalho de ordenanças, logo nos primeiros dias. Essas pessoas que vêm de longe, terão muitas despesas e pouco tempo. Então têm de aproveitar bem o tempo, pois não sabem quando poderão voltar novamente. Sem dúvida a preferência deve ser para eles. — “Solicitamos aos membros locais, ou seja, os que têm mais facilidade de acesso à capital, que esperem passar essa época; pois eles terão o templo aberto e sempre à disposição e nós estaremos sempre prontos a atendê-los com o mesmo cuidado.

A maravilha de termos um templo representa uma grande bênção do Senhor para o povo brasileiro, que se fez merecedor delas. Desejo que todos continuem encarando o templo com o mesmo entusiasmo com que estão esperando por ele. Tenho certeza de que ele irá abençoar milhares de vidas.

Oro para que todos sejam dignos de receberem seus convênios e que perseverem neles até o fim”, concluiu o presidente Paulsen.



# EM SEGURANÇA

Alice Stratton

**M**eu amor ao Pai Celestial nasceu quando vivíamos na fazenda, em Kolob. Vejo-me ainda ajoelhada aos pés de mamãe, enquanto me ajuda-

va a orar. Eu me sentia confortável e segura, sabendo que, mesmo no escuro, ele velava por mim. Isso me ajudava a não temer as sombras irrequietas fora



da barraca e a entender os ruídos noturnos. As agulhas de pinheiro caindo na cobertura de lona tinham a mesma leveza que os pés ligeiros do esquilo. Até mesmo a queda ocasional de uma pinha fazia um ruído amistoso ao rolar para o chão.

Com um beijo de boa-noite, mamãe me acomodava na cama e voltava para a cabana de um cômodo onde minhas irmãs levavam os baldes de leite, e papai estaria lendo debaixo do lampião. Kolob era uma terra de encanto, com prados onde brincávamos de esconder e montes que queriam ser escalados. Às vezes, mamãe arrumava um farnel e saía a passear conosco. Quando achou que sabíamos o caminho, deixou que fôssemos sozinhas ao desfiladeiro da serraria, uma grande aventura.

Um gaio azul acompanhou-nos de arbusto em arbusto, chilreando de cabeça empinada. Uma marmota curiosa disparou para sua toca, quando chegamos perto. Havia campânulas, boninas e bolas de fogo florindo em profusão. Cada volta da trilha oferecia novos deleites. Demoramo-nos a colher flores silvestres e pedras estranhas. O sol já se punha, enquanto vencíamos o último trecho de areia e artemísia até em casa.

Com braços cheios de tesouros, corremos para mostrá-los a mamãe. Fomos recebidos pelo aroma apetitoso de pão quente, mas nada de mamãe. Corri para a barraca que abrigava nossos beliches e ergui a aba da porta. Ali, no clarão dourado do sol poente, estava mamãe ajoelhada ao pé da cama. Esperei em atônito silêncio.

— “O que você estava fazendo?” — indaguei timidamente, quando se ergueu. Beijando-me com carinho, disse:

— Pedia ao Pai Celestial que as trouxesse para casa em segurança.

— Eu não sabia que você podia falar com ele de dia, — “admirei-me, supondo que afóra nossa costumeira oração em família, só se orava antes de dormir. Sentada na beira da cama, mamãe, abraçando-me, explicou: — Veja, Patsy, todos nós somos filhos do Pai Celeste. E como nos ama, ele nunca deixa de nos ouvir.

Ali, na doce luz do sol poente, veio-me um novo entendimento. O Pai Celestial era realmente o **nosso Pai**, não apenas um nome. Eu era de fato sua filha! E podia falar com ele a qualquer momento. Meu coração jubilava, assim como a brisa que eu ouvia cantar nos pinheiros.

# Barafunda Familiar

Veja se consegue deslindar  
esta família.  
Onde estão os pais? Quantas  
meninas e rapazes  
você consegue descobrir?



June Anne Olsen

# Quebra-cabeças Bíblico

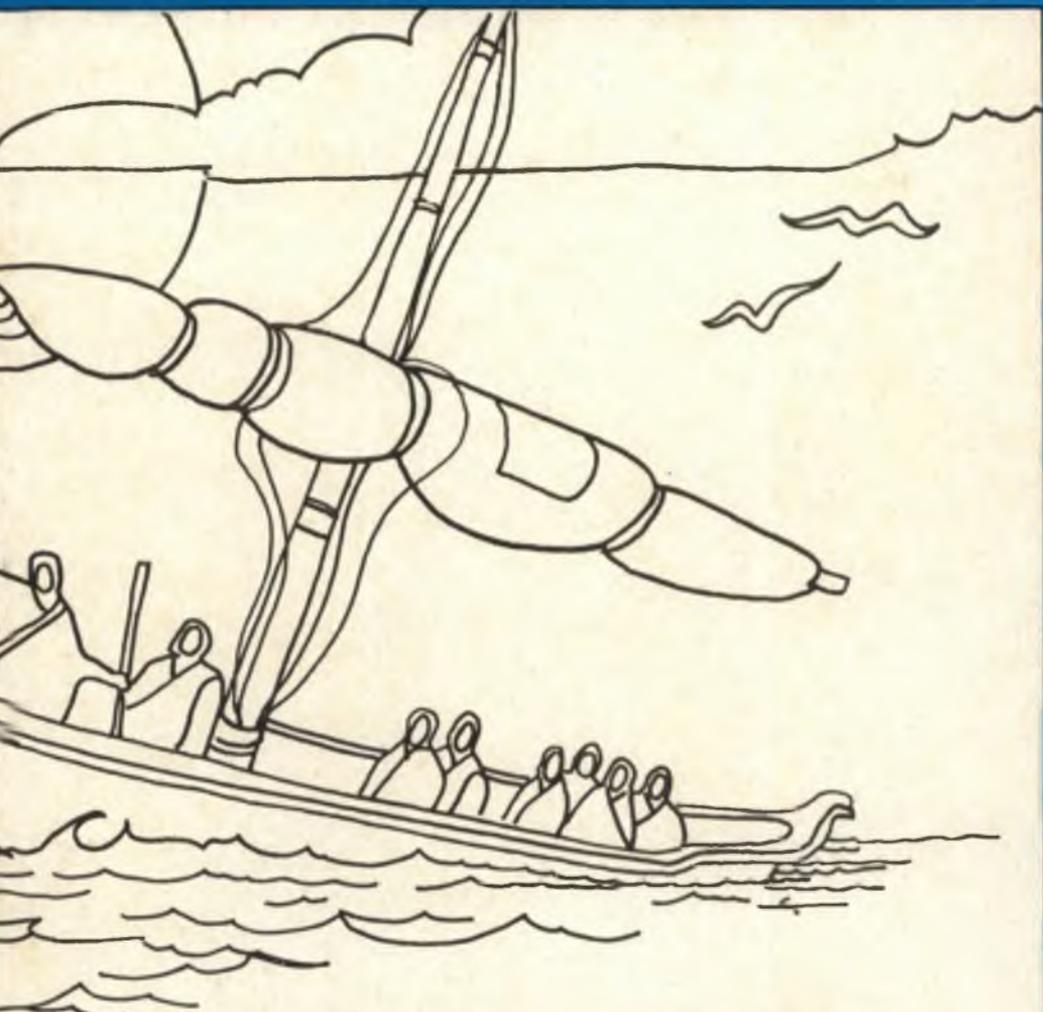
Numere as sentenças abaixo de acordo com a história da Bíblia. Leia a história conforme consta em Mateus 14:22-33. Se achar difícil, peça ajuda ao papai ou mamãe.

Pedro começou a afundar na água e gritou: "Senhor, salva-me."

Depois de alimentar os cinco mil, Jesus mandou que os discípulos entrassem no barco e fossem para a outra banda do lago.



Thelma de Jong



Quando os discípulos o viram andando sobre a água, disseram assustados: "É um fantasma!"

Durante a noite, soprou um forte vento que levantou grandes ondas.

Jesus falou, dizendo-lhes: "Tende bom ânimo, sou eu, não temais.

De madrugada, Jesus foi para junto deles, andando sobre o mar.

Pedro respondeu, dizendo: "Senhor, se és tu, manda-me ir ter contigo por cima das águas."

Jesus estendeu a mão e segurou-o, dizendo: "Homem de pouca fé, por que duvidaste?"

L uísa sentia a boca seca e o coração dando pinote, quando se alçou até a cobertura do galpão. O forte sol da Nova Zelândia fazia subir ondas de calor do velho telhado de zinco. João, seu primo, gritou lá de baixo:

— Vamos! Quem pára perde pontos.

João sempre comandava as brincadeiras, quando visitavam a fazenda. Naquela tarde de verão, eram três a brincar de quem ousa mais —

# OUTRO TIPO DE CORAGEM

Maureen Eppstein



ela, João e Alfredo, primo de João, cuja família ocupava outra casa na mesma fazenda. Alfredo quase levaria um tombo nesse ponto e arranharia a perna na beira do telhado. Lágrimas brotaram de seus olhos, e só a çaçoadada desdenhosa de João o impediu de desistir.

Com joelhos trêmulos, Luísa se pôs de pé. Alfredo e ela tinham a mesma idade. **Se ele conseguiu, eu também posso**, pensou. Além dos campos, as águas azuis da enseada cintilavam ao sol. Diante dela, estendia-se a estreita cumeeira do telhado. Ela não ousava baixar os olhos. Com os braços estendidos para dar equilíbrio, avançou o pé. O calor do zinco atravessou a sola caalejada. Com um ai! de dor, encolheu os dedos. Lá de baixo veio um riso escarninho. Apertou os lábios. **Vou mostrar àquele nojento**, prometeu. Medindo com um olhar a distância da viga mestra, Luísa calmamente atravessou, pulou, agarrando-se num galho pendente do salgueiro e chegou ao chão.

Aprovando com a cabeça, de má vontade, João sugeriu: — Agora de costas, partindo. . .

De repente Luísa foi embora, saturada das brincadeiras malucas dos meninos. Na terra fofa ao lado da horta, sua irmãzinha cavava túneis com um bando de primos menores. Mas isto também não lhe agradava. Passou pelo pomar deixando para

trás as laranjeiras carregadas e a cerca de moitas de groselha. Ali, da sombra das árvores quebra-vento, uma tosca trilha levava à estrada. Por timidez, decidiu seguir por ela, em vez de passar pelo terreno da casa de Alfredo.

A fazenda ficava na extremidade de uma das compridas e estreitas penínsulas da região. Ao longo do penhasco escarpado, os **pohutukawas** em flor contrastavam suas mimosas pencas de um vermelho vivo contra o verde pardacento da folhagem. São as árvores de Natal da Nova Zelândia, como as chamam, pois florescem todo mês de dezembro.

A estrada terminava numa casa branca toda coberta de trepadeiras, recendendo levemente a rosas já murchas. Atrás da velha casa, estendia-se um trecho triangular vazio, a ponta extrema da península. A construção ficava de frente para a estrada, voltando as costas à alta sebe que escondia o cabo. Curiosa, Luísa debruçou-se sobre o portão de madeira. Parecia óbvio que o terreno não fazia parte da fazenda e era totalmente desabitado. Como não haveria ninguém para reclamar, ela passou por cima do portão.

A parte central do terreno era plana, relvosa, com muitos **pohutukawas** ladeando o alto do penhasco, cujas folhas estavam enchendo a profunda vala que acompanhava a linha da costa. Intrigada, Luísa exa-

minou melhor a vala. No lado oposto, havia vestígios de montículos de terra. **Fortificações?**, perguntou-se. **Lógico! Deve ter sido um forte maori, construído para uma das intermináveis lutas tribais.** As fortificações eram antigas, muito mais velhas que as outras construções da área. Reinava ali um profundo silêncio, um silêncio gelado que a fez recuar para a parte gramada. Ali a sensação de estar invadindo era ainda mais forte, fazendo-a sentir calafrios.

**Há certos locais sagrados para os maoris, lembrou-se, e este deve ser um deles.** O antigo tabu era quase palpável. **Eu não devia estar aqui,** pensou. Com o coração disparado, retrocedeu até passar o portão. Chegando de volta a casa, os meninos estavam brincando de pegar.

— Onde você andou? — perguntou João.

— Dei um passeio.

— Por que fugiu?

— Porque era uma brincadeira idiota.

— Você estava é com medo! Não é, Alfredo? — com o que este concordou.

— Eu atravessei o telhado melhor que você, ouviu?

— Está bem, — retrucou João. — Mas só porque fugiu, você vai fazer uma coisa realmente difícil. Se não fizer, não pode mais brincar com a gente.

— E quem é que quer brincar com menina?, — resmungou Alfredo.

Luísa engoliu em seco. Sabia que não teria ninguém para brincar, se não obedecesse.

— Já sei! — gritou João radiante. — Você continuará na turma, se entrar no velho cemitério maori lá no promontório.

— E ficar lá meia hora. É mesmo de fazer medo, — acrescentou Alfredo, satisfeito.

— Não, — respondeu Luísa com voz firme.

— É tão medrosa assim?

Luísa sorriu. Esteve a ponto de contar que acabava de vir de lá. Mas a experiência era muito importante para ser contada. Sentiu uma nova força invadi-la. Nunca mais se curvaria, como Alfredo, às exigências de João. Tinha descoberto outro tipo de coragem.

— Por que não vai?

— Por ter juízo, — respondeu, com olhar firme. Depois voltou-se e foi embora.

# Você tem Apoio de Seu Cônjuge?

Um dos grandes propósitos daqueles que vão ao templo, é o selamento do homem e da mulher nos laços sagrados do matrimônio. Esse propósito é baseado no fato de que o homem e a mulher realmente se amam. Isto significa que um casal que vá ao altar deve ter a certeza de que existe amor no coração de cada um. Seria uma coisa terrível estar ligado, para a eternidade, a uma pessoa que você não ama, mas é uma coisa gloriosa ser selado para o tempo e para a eternidade a uma pessoa que se ama." — David O. McKay.

Queridos irmãos, aproxima-se rapidamente a época de ir ao Templo, muitas recomendações já foram emitidas, mas muitas ainda precisam ser feitas. Esta é uma grande responsabilidade do portador do Sacerdócio de Deus. O resumo que apresentaremos a seguir foi extraído do manual do aluno, do curso: Como seguir um casamento celestial. Queremos com isso dar um grande destaque à necessidade do apoio do esposo, ou da esposa à vida do casal na igreja, na vida terrena e consequentemente na vida espiritual e eterna. Por consequência, esse apoio será refletido de pais para filhos também. Procure achar aqui a inspiração e o caminho para melhorar a sua vida.

Baseado no que foi dito sobre o amor, por muitos homens sábios e inspirados, o seguinte resume algumas das mais importantes qualidades do amor:

1. O amor é baseado na atração poderosa entre duas pessoas, uma atração que é física, emocional, social e espiritual.

2. O amor inclui uma profunda empatia e compreensão pela pessoa amada. Empatia é a capacidade de sentir o que a outra pessoa sente, e compartilhar intimamente das experiências dela.

3. O amor é uma emoção com grande poder de ligar. Ele funde e une duas pessoas, conservando-as unidas através de muitos aborrecimentos, desafios e problemas.

4. O verdadeiro amor só deseja o melhor para a pessoa amada. Quando uma

pessoa ama a outra, deseja para ela todas as coisas que lhe tragam alegria duradoura; e ela não faria nada que pusesse em risco o potencial eterno da pessoa amada.

5. O amor envolve o desejo de compartilhar recursos. A pessoa que ama, encontra alegria em compartilhar com o ente amado seu tempo, dinheiro, capacidades, forças, ou quaisquer outros recursos de que dispuser.

6. O verdadeiro amor é altamente durável. Ele reconhece e aceita as imperfeições da outra pessoa sem perda do amor, suporta pressões e desafios ao relacionamento, não é enfraquecido pela separação física, e resiste aos problemas sem dano permanente.

7. O amor é uma coisa viva. Embora seja altamente durável, requer nutrição e cuidado, ou pode começar a morrer. Enquanto o encorajamento e a nutrição estiverem disponíveis o amor continuará a crescer até alcançar a perfeição.

8. O amor aceita a individualidade e a singularidade da pessoa amada e obtém alegria disso. Ele dá à outra pessoa a liberdade de ação, de decisão, de movimento, sem ciúmes ou limitações constrangedoras.

9. O amor é unidade. Sem prejudicar a individualidade de qualquer das partes, o amor é uma unificação do espírito, de propósito, de desejos e de experiências. Seu ideal é expresso no conceito revelado a Adão: "Portanto deixará o varão o seu pai e a sua mãe, e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne." (Gênesis 2:24).

Irmãos, esta é a hora de acertar nossas vidas, eliminar nossas deficiências, melhorar nosso relacionamento com nossos familiares, arrepender-nos de nossos faltas passadas, e colocar-nos à disposição do Senhor, Nosso Pai Eterno, e receber nossas recomendações, para ir à sua Casa, fazer ali os convênios sagrados, dando os passos necessários aqui na terra para nossa vida futura e eterna.

## Presidente Salik Residindo em São Paulo



Presidente Gustav Salik e Irmã Ida Salik

Depois de ter servido quase três anos como presidente da Missão Áustria Viena, retornou recentemente, feliz por rever os irmãos brasileiros, o presidente Gustav Salik, com sua família, para servir como registrador do Templo de São Paulo.

Iugoslavo de nascimento, desde criança o presidente Salik aprendeu a falar vários idiomas do grupo eslavo em virtude da posição geográfica do seu país. Mais tarde, no colégio, aprendeu o inglês e o alemão. Aqui no Brasil aprendeu, além do português, também o espanhol. Pela facilidade no domínio dos idiomas e sobretudo pela grande fé, foi chamado como presidente de missão e assim se tem dedicado nestes últimos anos exclusivamente ao trabalho do Senhor e afirma ser este seu propósito doravante: — “Servir ao Senhor todas as horas do dia”.

O Presidente Salik cumpriu inicialmente um chamado como presidente da Missão Brasil Rio de Janeiro. Depois de um ano nessa atividade, foi chamado para presidir a Missão Áustria Viena, onde pôde prestar grandes serviços por ser poliglota. Em Viena serviu dois anos e meio junto com irmã Ida, sua esposa. Acompanharam o casal quatro de seus seis filhos. A família morava em Curitiba antes do chamado e assim que retornaram, transferi-

ram-se para São Paulo que é agora seu novo lar e de onde ele prestou seu testemunho para A'LIAHONA.

— “Durante todo o meu trabalho no campo missionário pude sentir com assombro a mão do Senhor presente e a sua orientação em todos os momento em que ela era solicitada. Para sermos dignos dessas bênçãos é necessário que coloquemos à disposição da Pai nossas habilidades, nossas mentes e nosso labor e o Pai Celeste se manifesta no momento exato em que nós precisamos. Mas, sua inspiração virá somente para cumprir um objetivo, ele não se manifesta em vão e sem um propósito pois é um Deus de ordem.

Deixo uma mensagem também aos jovens, uma mensagem que vem do fundo da minha alma — orem e respeitem seu país, façam por esta terra tudo aquilo que vocês querem que ela seja. Nunca critiquem, façam o melhor e quando fizerem o melhor estarão desafiados a ajudar os outros e fazerem o mesmo. Aceitem os conselhos do Senhor para não terem que mais tarde descobrir o caminho que poderia ser achado sem cicatrizes. Busquem a felicidade, pois assim devem viver os filhos de Deus; mas busquem à maneira dele. A felicidade é uma fórmula que o Senhor possui e está pronto a nos conceder.”

Parece que um dos segredos mais bem guardados na Igreja é que uma infinidade de bênçãos e oportunidades únicas estão à disposição dos membros solteiros. Na ânsia de casar, é fácil negligenciar as muitas notáveis oportunidades de nos prepararmos, não só para o casamento, como para a exaltação eterna.

Como convertida solteira de trinta e três anos, muitas vezes tenho-me impacientado com o cumprimento do casamento no templo prometido em minha bênção patriarcal. Contudo,

com o passar dos oito anos desde meu batismo, cresceu minha percepção e gratidão das bênçãos especiais usufruídas pelos membros solteiros.

Nós temos tempo e o direito de gastá-lo à vontade. Mas também somos responsáveis pelo que fazemos desse dom inestimável. Como membros solteiros da Igreja, podemos lamentar esse estado e viver à beira do desespero, ou então usar esse período transitório como uma espera dinâmica, criativa. Estou absolutamente convencida de que a maneira de vivermos esse período tem uma

## Vida de Solteiro: Fardo ou Dádiva?

Anne G. Osborn



importância crucial para nossa felicidade presente e futura, e também para nosso progresso eterno.

Para começar, existe a questão da carreira ou ocupação. Muitas vezes me perguntam: “Deve a mulher solteira SUD dedicar-se a uma carreira que exige muito de seu tempo e instrução extensa, custosa?” Acho que seria errado generalizar. Certas mulheres encontram muita alegria numa profissão exigente. Como lente em escola de medicina e especialista em diagnóstico, sinto-me grandemente realizada no serviço ao próximo. Gratifica-me muito diagnosticar um caso particularmente enganoso. As orações e bênçãos do sacerdote têm-me dado a certeza pessoal e confortadora de que o que estou fazendo é agradável ao Senhor. Contudo, uma carreira assim exigente e trabalhosa, talvez não seja a resposta para muitas ou mesmo a maioria das mulheres da Igreja. Confesso que não é a ocupação um tanto incomum que me dá as maiores alegrias, mas sim os pequenos atos de serviço compassivo, anônimos. Como solteiros, temos tempo de aprender o segredo de ser uma bênção na vida do próximo. É tão fácil a gente concentrar-se tanto nos próprios problemas e necessidades, que nos tornamos espiritualmente surdos aos clamores e angústias dos outros. Com a ajuda do bispo e presidente da Sociedade de Socorro, podemos descobrir quem na ala precisa de uma ter-

rina de sopa fumegante, de alguém que lhe apare a grama ou de companhia compreensiva. Um bolo ou pão fresquinho deixado à soleira da porta surpreenderá e animará a pessoa confinada.

Nunca mais teremos tanto tempo disponível como agora. Temos tempo para freqüentar o instituto, fazer curso por correspondência, ou elaborar e cumprir um programa de estudo das escrituras. A autodisciplina assim adquirida nos será útil para o resto da existência. Temos tempo para nos instruir, lendo bons livros; para desenvolver uma porção de talentos e interesses.

Durante o curso médico, meu orçamento era bastante limitado. Um ano, resolvi fazer eu mesma todos os presentes de Natal. Em busca de idéias, comprei uma brochura sobre “batik”, processo de estamperia manual de tecidos, e com alegria descobri um talento oculto. O dono da galeria de arte encarregado de fazer as molduras para meus trabalhos que eu pretendia presentear, gostou tanto deles, que me propôs uma exposição individual! Com o sucesso de vendas da mostra e encomendas subseqüentes, eu não só me mantive durante a residência, como ainda economizei para dar entrada numa casa.

Temos tempo para cuidar da genealogia. Meu irmão — que também se converteu — e eu começamos a coligir dados, descobrindo uma ines-

perada fonte de alegria e entusiasmo. Agora a família inteira participa da coleta de velhas fotografias, registros e feitura da nossa árvore genealógica.

A grande satisfação proporcionada pelo serviço regular e diligente na Igreja não pode ser superestimada. Faço parte da junta geral da Escola Dominical, mas também sinto muito prazer em servir na ala como professora dessa auxiliar.

Temos tempo para cuidar do físico. Eu pratico esqui, jogo tênis três vezes por semana e corro com meu cão de caça. O exercício físico regular eleva o espírito e emoções, além de manter a forma física.

Temos tempo para conhecer as famílias de nossa ala ou ramo, de travar amizade com as crianças. Costumo ser convidada para partidas de baseball, recitais de música, festas de Natal e provas de natação. Com o nosso exemplo, incentivamos silenciosamente nossos jovens amigos a seguir os princípios do evangelho, enquanto se encaminham para a fase adulta. Temos tempo de sobra para passar com o Pai Celestial; é impossível exagerar o impacto do jejum e preces prolongadas em minha vida. Minha existência mudou de chofre quando, depois de ler o livro de Enos, também resolvi dirigir-me ao Senhor em prolongada oração. Os resultados foram assombrosos. Não só recebi orientação pessoal pa-

ra minha vida atual e futura, como adquirei testemunho inabalável do especial amor e cuidado do Senhor para comigo.

Mas, o que fazer naqueles inevitáveis momentos de solidão e desânimo? No começo deste mês, tive um raro, breve período de depressão. A solidão que senti parecia insuportável. E como já fiz tantas vezes, fui em busca do calor e conforto amigo de meus vizinhos. Seu carinho me reanimou e mostrou uma verdade: nas horas de necessidade, existem mãos amigas para nos confortar, fortalecer e socorrer. É só procurarmos. Elas existem, eu lhes garanto. E quando o desânimo abate com seu peso, dêem uma boa olhada e reconheçam o que é — um dos recursos mais sutis e devastadores de Satanás. Ele procura convencer-nos de que somos indignos de respeito ou afeto, fazendo com que nos atolemos na autocomiseração. Descobri que uma cura certa para a depressão é imbuir-me de que alguém precisa de mim. Beneficiando outra pessoa, minhas necessidades e problemas desfazem-se rapidamente no calor do conhecimento de que iluminei outra vida e que o que fiz agrada ao Senhor.

Apreciemos, pois, esse precioso tesouro que é o tempo e agradeçamos ao Senhor essa dádiva especial. Nós realmente temos tempo de nos tornar interessantes, porque estamos interessados.

# *Viajar com um Prof*



# ta Missionário

James O. Mason, M.D.

Quando de sua introdução, as conferências de área eram marcadas numa única cidade por vez, como em Manchester, Cidade do México ou Munique. Viajar para a conferência e depois voltar para casa representava para as autoridades uma programação relativamente simples. Com a expansão da idéia de levar as conferências aos povos, principalmente sob a liderança do Presidente Spencer W. Kimball, passou-se a programar cinco ou seis conferências de área em sequência, tornando o programa de viagem mais que agitado — tornou-se profundamente extenuante.

Quando, em 1975, foram anunciados os planos das conferências de área na Ásia, fiquei preocupado e achei que as autoridades gerais, suas esposas e demais membros da comitativa deveriam ser acompanhados de um médico. Era um grupo considerável viajando junto e seria conveniente disporem de assistência médica, se preciso. A recomendação nesse sentido foi aceita, e em 1976,

fui convidado a acompanhá-los à Europa nessa qualidade.

Desde o momento da partida, fiquei comovido com a preocupação do Presidente e Irmã Kimball pelos companheiros de viagem. Na Cidade do Lago Salgado, minha mulher e eu ocupamos assentos ao lado e um pouco para trás do Presidente Kimball. Assim que o avião decolou e apagou-se o sinal para manter os cintos de segurança, ele virou-se e perguntou se estávamos bem acomodados. Mostrava preocupação conosco, quando nós estávamos ali para servi-lo. Durante a viagem inteira, esse grande homem, bondoso e gentil, preocupou-se com o bem-estar dos que o cercavam. Sentimo-nos muito à vontade, viajando com ele, devido ao seu calor e gentileza.

Depois da conferência de área de Paris, fomos para Helsinqui, na Finlândia. O Presidente Kimball vinha trabalhando muito havia três dias. Levantava bem cedo, cumpria um programa durante o dia e depois ia dormir tarde. Suas responsabilidades

eram maiores que as de qualquer outro.

Sua tarefa incluía não só presidir e dirigir, como falar por longos períodos com auxílio de tradutor. Realizara exaustiva entrevista coletiva com a imprensa e entrevistara e designara muitas autoridades locais da Igreja. Era noite avançada, quando tomamos o avião para Helsinqui, com baldeação em Copenhagen. Atravessando o saguão do aeroporto, ele ia carregando pesado saco de viagem com seus ternos e eu, estando com uma das mãos livres, quis aliviá-lo. Mas ele resistiu, dizendo:

— Não, obrigado, devo ter um motivo para estar aqui.

Estava quase sério ao mostrar humildemente seu desejo de levar sua própria bagagem; não queria ser um peso para ninguém. Durante a viagem inteira, mostrou essa mesma atitude. Em Dortmund, Alemanha, última conferência de área da série, hospedamo-nos num belo hotel antigo, dirigido por um alto, empertigado, austero cavalheiro prussiano, aparentando ser um ex-oficial de exército. No segundo dia após nossa chegada, ele comentou a respeito do Presidente Kimball:

“— Toda vez que esse senhor passa pelo saguão, fico emocionado.” Era o espírito do Presidente Kimball que ele sentia. Depois disso, foi apresentado ao profeta, que conver-sou um pouco com ele e deu-lhe um manual de noite familiar. Providen-

ciou-se que recebesse as palestras missionárias. Aquele gerente de hotel ficou muito impressionado com o breve contato com o profeta vivo. Quando partimos, o ônibus teve que dar a volta ao quarteirão e, passando novamente pelo hotel, lá estava o simpático e altivo cavalheiro na calçada, dando adeus ao Presidente Kimball com seu lenço. É significativo que tivesse sentido o Espírito do Senhor, apenas observando o nosso profeta passar pelo saguão, pois o Presidente Kimball não se distingue de ninguém fisicamente, mas leva consigo um espírito incomum.

Depois da conferência de Dortmund, enquanto a maior parte da comitiva voltava para os Estados Unidos, o Presidente Kimball, o Presidente Tanner, e suas esposas, com mais uns poucos, foram para Berna, Suíça. Ali os dois membros da Primeira Presidência atarefaram-se mais um dia e meio no Templo da Suíça. Quando embarcamos no ônibus, em Berna, para ir até Zurique onde tomaríamos o avião de volta para a Cidade do Lago Salgado, eles estavam viajando havia duas semanas, tendo participado de cinco conferências de área e trabalhado sem cessar. E nas próximas trinta horas, não haveria como o profeta deitar-se ou realmente repousar. No ônibus, quase todos se reclinaram e puseram-se a cochilar. Eu estava sentado atrás do Presidente Kimball e esperei que ele aproveitasse aquela hora

para um merecido descanso. Porém, mal chegamos à auto-estrada, o Presidente Kimball levantou-se e foi para junto do motorista. Enquanto eu continuava reclinado em minha poltrona exausto, nosso profeta, que tinha motivos para estar mais esgotado que qualquer um de nós, não podia descansar, porque havia no ônibus uma pessoa que ainda não conhecia o Evangelho de Jesus Cristo. Observando o incidente, sentia-me culpado — eu me contentara em ficar reclinado, descansando enquanto o profeta, reconhecendo a importância transcendental da obra missionária, não deixava a exaustão abater seu ardente desejo de compartilhar o evangelho.

Imaginei como iria arranjar-se, pois o motorista parecia falar pouco inglês, e ele não sabia alemão. A princípio, houve certa dificuldade na conversa entre os dois, mas passados alguns minutos, obviamente conseguiram entender-se. Agora passei a me preocupar se o motorista conseguiria manter o carro na estrada, olhando tanto para o Presidente Kimball. Estava claro que entendia

Fiquei comovido  
com a preocupação  
do Presidente Kimball  
pelos companheiros  
de viagem.

e estava interessado na sincera mensagem. Só quando atingimos os arredores de Zurique, o profeta encerrou a conversa e voltou para o seu lugar.

Quando paramos no aeroporto, encontramos o presidente da Missão Suíça-Zurique esperando por nós. O Presidente Kimball chegou à porta do ônibus, chamou o Presidente O'Brian e enquanto se cumprimentavam, falou: — Presidente, este aqui é o Sr. . . Promete-me ensinar-lhe o evangelho? —, no que foi atendido. E depois, voltando-se para o motorista: — Sr. . . , apresente-lhe um de nossos presidentes de missão. Permitirá que ele lhe ensine o Evangelho de Jesus Cristo? — ao que o homem fez que sim com a cabeça.

Esta experiência me ensinou a real importância de compartilhar o evangelho. Nosso profeta está em íntima comunhão com o Pai Celestial e enxerga além do véu muito mais claramente do que eu, e dá a máxima urgência ao trabalho missionário. Mesmo tendo toda razão para estar cansado, quando reclinar-se e relaxar poderia parecer uma desculpa válida para perder uma oportunidade missionária, o Presidente Kimball continua sendo um vigoroso missionário. Como, pois, eu ou você poderíamos deixar de compartilhar o Evangelho com nossos familiares, vizinhos, amigos e todos com quem convivemos?

---

---

# NO ALTO

---

---

John A. Green

Ilustração de Ed Holmes

Éramos vinte e sete naquele dia, todos com dezoito ou dezenove anos, exceto um, dois anos mais velho, que apelidávamos de "Papai". Mais três haviam iniciado o treinamento conosco, mas acabaram não agüentando a estafante disciplina física do adestramento básico na Real Força Aérea Canadense. Há meses, vínhamos suportando duro treinamento, a fim substituir outros rapazes, pou-

co mais velhos que nós, que continuavam sacrificando sua vida sobre a Alemanha.

Como era tradição, o término do adestramento básico exigia ser devidamente comemorado, e cada grupo de vôo procurava mostrar que era capaz de superar os demais em qualquer atividade física. A festa de comemoração, no fim do adestramento básico, era a oportunidade clássica de os formandos prova-



rem que não ficavam atrás de ninguém.

Nosso grupo não era diferente. Uma ânsia juvenil impeliu-nos a esquecer a disciplina por uma noite, a proclamar ruidosamente que éramos os tais e como que comprimir numa só noite o prazer suficiente para uma vida inteira. E assim, nós, vinte e sete, sentamo-nos na grama para discutir a comemoração. Eu me sentia muito só. Pela primeira vez desde a formação do nosso grupo, não sentia desejo algum de ser parte dele. Vi os outros sorrindo e rindo, ao concordarem que não poderiam deixar por menos de um bom clube noturno e senti a crescente excitação, ao discutirem como se divertir ao máximo. Sugeriu-se que cada um devia dar alguma idéia e, depois de uns cinco ou seis se manifestarem, alguém falou: — “Vejamos o que Green tem a dizer.”

Eu, o Green, era o único mórmon do grupo, e não tinha vontade de dizer coisa alguma. Tudo o que queria era sumir.

Como falar a vinte e seis não-mórmons, do ramo que visitava todo domingo com um camarada de outro grupo? Como externar os sentimentos a respeito da casa da missão, onde tinha convite permanente para jantar aos domingos e onde costumara juntar-me com os missionários ao piano, para cantar pouco antes de sair correndo, a fim de pegar a última condução para a caserna? Como explicar a vinte e seis não-mórmons que planejam “aquela” noite num clube noturno, a frieza e desolação sentida durante o retorno, no domingo à noite? Como receberiam a relutância com que voltava a pôr os pés na caserna nas noites de domingo, por saber que a primeira palavra que ouviria, seria total caçoada da palavra **amor**?

A resposta para todos esses meus pensamentos instantâneos



foi: eles não entenderiam, nem se importariam. Provavelmente haveria risos ou vaias. A idéia deles de comemoração era um bom indício do que achavam importante na vida, e, portanto, não adiantava falar. Mas eu tinha que arranjar uma saída. Tinha raiva de mim mesmo, por afastar-me repentinamente daqueles companheiros com quem convivia havia meses. Tinha raiva deles, por me colocarem numa situação embaraçosa. Jam considerara-me um perfeito imbecil, e eu já os julgava incapazes de organizar uma festa da qual gostaria de participar.

— “Vejamos o que Green tem a dizer.”

— “Vamos, Green, Você ainda não abriu o bico. O que você gostaria de fazer?”

Green suspirou profundamente e olhando mal-humorado para o chão, iniciou seu discurso de retirada: — “Bem, para mim, uma festa de formatura seria . . . levar uma linda e decente garota . . . aonde não houvesse bebedeira . . . fumaça de cigarro . . . e palavrões.”

Não ousava olhar para ninguém e arrei-me o melhor que pude contra o inevitável ataque. Então aconteceu. Houve um minuto de tão profundo silên-

cio, que daria para ouvir um alfinete cair na grama. Então alguém começou a falar: — “Bem . . .”

Aí estava. Era o começo e depois de todos falarem, Green poderia bater em solitária retirada, abandonando seus camaradas com seu frívolo gosto pela vida.

— “Bem, eu também gostaria de levar uma bonita garota . . .”

E outro: “Quem não gostaria?”

Após outro minuto de silêncio, ouviu-se lá da direita: — “Nomeio Green como nosso mestre de cerimônia.” Não houve nenhuma oposição.

Uma semana depois, os vinte e sete componentes do grupo escoltavam suas bem vestidas garotas para a festa sem bebidas, sem cigarros, sem palavrões. Apenas boa comida, boa música, boa dança . . . e boas lembranças de uma festa de formatura diferente.

Recordo, não sem embaraço, meus pensamentos naquela ensolarada tarde de 1944. Lembrome de que, sem querer, toquei a vida de vinte e seis jovens, pensando humilhá-los. Generosamente, eles me puseram no alto, e é lá mesmo onde os vejo.

---

Clássicos  
dos Profetas  
Modernos

---



---

A CARTA  
WENTWORTH

---

## Clássicos dos Profetas Modernos

Quando o jovem campesino Joseph Smith falou pela primeira vez de sua maravilhosa visão em 1820, é improvável que seus vizinhos fizessem idéia da importância do acontecimento e do impacto que exerceria sobre a vida de incontáveis milhões de pessoas. E quando o Profeta foi martirizado, em junho de 1844, o mundo esperava que sua obra logo se desintegrasse, pois ainda não entendiam sua missão e seu trabalho.

Nos anos após a tradução do Livro de Mórmon e a organização da Igreja de Jesus Cristo, Joseph Smith aproveitou uma oportunidade para contar sua história e explicar o evangelho aos sinceramente interessados. Sob a data de 1.º de março de 1842, seu diário contém esta nota: “A pedido do Sr. John Wentworth, editor e proprietário do **Chicago Democrat**, redigi o seguinte esboço do surgimento, progresso, perseguição e fé dos santos dos últimos dias, dos quais tenho a honra de ser o fundador, sob a direção de Deus. O Sr. Wentworth afirma querer fornecer o documento ao Sr. Bastow, amigo seu, que está escrevendo a história de Nova Hampshire. Como este procurou obter informes corretos, tudo o que lhe peço é que publique o relato na íntegra, sem adornos ou alterações.”

A missiva mencionada pelo Profeta passou a ser conhecida na Igreja simplesmente como a “Carta Wentworth”, e o Élder B. H. Roberts (1857-1933), membro do Primeiro Conselho dos Setenta e conhecido erudito e historiador, diz a respeito dela: “(É) um dos mais preciosos documentos da literatura de nossa Igreja; como também o primeiro documento publicado pelo Profeta, (apresentando) uma descrição cronológica dos eventos que deram origem à grandiosa obra dos últimos dias... Aliando concisão de forma a tratamento extensivo do assunto... tem poucos iguais entre os documentos históricos e nenhum que o superasse na literatura de nossa igreja. Nela temos em poucas páginas... um relato notavelmente completo dos eventos capitais na Igreja e um resumo de suas doutrinas, desde o princípio (nascimento do Profeta em 1805) até março de 1842, data de sua publicação. O resumo das doutrinas, desde aí denominado Regras de Fé... não é o resultado do labor e debate de eruditos, mas foi traçado de um só golpe por uma inspirada mente... A retidão, perspicácia, singeleza e amplitude combinadas dessa exposição dos princípios de nossa crença, servem de forte evidência da divina inspiração do Profeta Joseph Smith.” (**History of the Church**, 4:535.)

Por serem tão fundamentais e terem sido publicados na Pérola de Grande Valor e outras partes (no verso de milhares de cartões distribuídos pelos missionários, por exemplo), as Regras de Fé podem ser tidas como coisa banal. Todavia, relidas com atenção e vistas dentro do cenário regional, adquirem renovado sentido. — O Editor.

## A Carta Wentworth

Nasci em Sharon, Condado de Windsor, Vermont, a 23 de dezembro de 1805 A.D. Quando tinha dez anos, meus pais mudaram-se para Palmyra, Nova York, onde residimos uns quatro anos, e de lá fomos para Manchester. Meu pai era lavrador e ensinou-me a arte de cuidar da criação. Aos catorze anos, mais ou menos, comecei a meditar sobre a importância de se estar preparado para a vida futura, e ao inquirir sobre o plano de salvação, descobri a existência de grande conflito nas religiões; se eu procurava uma sociedade, indicavam-me um plano, se outra, a um diferente, cada uma apregoando seu próprio credo como o supra-sumo da perfeição. Considerando que nem todos podiam estar certos e que Deus não seria o autor de tamanha confusão, resolvi investigar melhor o assunto, acreditando que, tivesse Deus uma Igreja, ela não estaria dividida em facções e que, tivesse ensinado uma sociedade a adorar de certa forma e administrar determinadas ordenanças, não ensinaria a outros princípios diametralmente contrários.

Crendo na palavra de Deus, confiei na afirmação de Tiago: "Se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e o não lança em rosto, e ser-lhe-á dada." (Tiago 1:5.) Retirando-me para local solitário num

bosque, pus-me a invocar o Senhor; enquanto empenhado em fervorosa súplica, perdi a noção das coisas que me rodeavam e fui totalmente absorvido por uma visão celestial; vi dois gloriosos personagens, de absoluta semelhança, rodeados de uma luz brilhante que eclipsava o sol do meio-dia. Disseram-me que todas as denominações religiosas acreditavam em doutrinas falsas e nenhuma era reconhecida por Deus como sua Igreja e reino, recebendo eu ordem expressa de "não ir atrás delas", obtendo ao mesmo tempo a promessa de que futuramente me seria dada a conhecer a plenitude do evangelho.

Na noite de 21 de setembro de 1823 A.D., enquanto orava ao Senhor e me esforçava por ter fé nas preciosas promessas da escritura, de súbito uma luz semelhante à do dia, só que muito mais pura e de mais gloriosa aparência e brilho, invadiu o quarto, parecendo, à primeira vista, que a casa estivesse presa de fogo devorador; cuja aparição produziu um choque que afetou todo o corpo; num momento, estava diante de mim um personagem rodeado de uma glória ainda superior àquela que já me cercava. Esse mensageiro se apresentou como um anjo de Deus, enviado para trazer as boas-novas que o convênio feito por Deus com a Israel antiga estava para cumprir-se, que deveria começar logo o trabalho preparatório para a segunda vinda do Messias; que era chegado o tem-

po de o evangelho ser pregado em toda sua plenitude, com poder a todas as nações, preparando o povo para o reino milenial. Informou-me que eu fora escolhido para ser um instrumento nas mãos de Deus para realizar alguns de seus propósitos nesta gloriosa dispensação.

Fui informado também a respeito dos aborígenes deste país, quem são e de onde vieram; um breve esboço de sua origem, progresso, civilização, leis, governos, sua retidão e iniquidade, e a final perda das bênçãos do Senhor como povo, foram-me dados a conhecer; foi-me dito ainda onde estavam depositadas certas placas, nas quais estava gravado um resumo dos registros de antigos profetas que existiram neste continente. Naquela noite, o anjo apareceu-me três vezes e expôs as mesmas coisas. Depois de ter recebido muitas visitas de anjos de Deus que expuseram a majestade e glória dos acontecimentos que se dariam nos últimos dias, o anjo do Senhor entregou-me os anais da manhã de 22 de setembro de 1827 A.D.

Esses anais se achavam gravados sobre as placas que pareciam ser de ouro, cada qual media quinze por vinte centímetros, e era mais fina que zinco comum. Eram cobertas de caracteres egípcios gravados e atadas em forma de livro por meio de três argolas. O volume tinha a espessura de uns quinze centímetros, estando uma parte dele selado. Os caracteres

da parte não selada eram miúdos e finamente gravados. O livro inteiro exibia muitas marcas de antiguidade em sua feitura e grande perícia na arte de gravar. Junto aos anais, havia um curioso instrumento que os antigos chamavam de "Urim e Tumim", e que consistia de duas pedras transparentes engastadas num arco preso a um peitoral. Através do Urim e Tumim, traduzi o registro pelo dom e poder de Deus.

Esse importante e interessante livro de história da antiga América descreve desde sua primeira colonização por um grupo vindo da Torre de Babel, quando se confundiram as línguas, até o início do século quinto da era cristã. Esses anais nos informam de que, no passado, a América foi habitada por dois povos distintos. O primeiro foram os Jareditas, vindos diretamente da Torre de Babel. O segundo veio de Jerusalém, cerca de seis séculos antes de Cristo. Eram principalmente israelitas, da descendência de José. Os Jareditas foram destruídos mais ou menos na época da chegada dos israelitas de Jerusalém, que deles herdaram o país. A nação principal do segundo povo sucumbiu numa batalha nos fins do século quatro, sendo seus remanescentes os índios que hoje habitam este país. O livro fala também da aparição do Salvador neste continente após sua ressurreição; que estabeleceu aqui o evangelho em toda sua plenitude, riqueza, poder e bênção;

que tinham apóstolos, profetas, pastores, mestres e evangelistas; a mesma ordem, o mesmo sacerdócio, as mesmas ordenanças, dons, poderes e bênçãos usufruídos no continente oriental; que o povo os perdeu devido às suas transgressões; que o último de seus profetas recebeu mandamento de fazer um resumo das profecias, história etc., e de ocultá-lo na terra, e que haveria de vir à luz e ser juntado à Bíblia para a execução dos propósitos de Deus nos últimos dias. Para maiores detalhes, recomendamos o Livro de Mórmon, que poderá ser adquirido em Nauvoo ou de qualquer dos élderes itinerantes.

Assim que se soube dessa descoberta, notícias falsas, deturpadas e caluniosas voaram, como que levadas pelo vento, em todas as direções; a casa foi freqüentemente assediada por turbas e pessoas mal intencionadas. Diversas vezes fui alvejado escapando por pouco, e usaram de todos os artifícios para me roubarem as placas; mas fui protegido pelo poder e bênção de Deus, e várias pessoas começaram a crer no meu testemunho.

A 6 de abril de 1830, foi organizada em Fayette, Condado de Seneca, Estado de Nova York, a "Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias". Uns poucos foram chamados e ordenados pelo espírito de revelação e profecia, e, embora fracos, foram fortalecidos pelo poder de Deus, começando a pregar como o espíri-

to lhes ditara; muitos que se arreenderam, foram imersos na água e receberam o Espírito Santo pela imposição das mãos. Tiveram visões e profetizaram, expulsaram-se demônios e se curaram enfermos pela imposição das mãos. A partir daí o trabalho progrediu com assombrosa rapidez, logo se formando igrejas nos estados de Nova York, Pennsylvania, Ohio, Indiana, Illinois e Missouri; neste último, formou-se um núcleo considerável no Condado de Jackson; as pessoas filiaram-se à Igreja em grande número e crescíamos rapidamente; compramos grandes pedaços de terra, nossas fazendas produziam com abundância, havia paz e felicidade em nosso círculo doméstico e por toda a vizinhança; mas, como não podíamos acompanhar nossos vizinhos (dos quais muitos pertenciam à ralé e haviam fugido da sociedade civilizada para a região fronteira, a fim de escapar às malhas da justiça) nas farras noturnas, violação do dia do Senhor, corridas de cavalos e jogatina, eles começaram primeiro a ridicularizar e depois perseguir-nos; finalmente organizou-se o populacho e queimaram nossas casas, espancaram e cobriram de alcatrão e penas muitos irmãos, e acabou, contrariando a lei, justiça e humanidade, por escorraçá-los de suas propriedades; e eles, sem casa e sem lar, tiveram que caminhar pelas gélidas planícies até as crianças deixarem pegadas sangren-

tas. Isto aconteceu no mês de novembro e não dispunham de outro teto senão o firmamento nessa inclemente estação; o governo fechou os olhos ao que acontecia e, embora possuindo escrituras legais de nossas terras e não termos violado lei alguma, não conseguimos indenização alguma.

Muitos doentes foram desumanamente expulsos de suas casas, tendo que suportar todo esse abuso e procurar abrigo onde pudessem encontrar. Com isso, muitos deles, privados do necessário conforto e atendimento, morreram; muitas crianças ficaram órfãs, muitos enviuvaram; nossas fazendas caíram nas mãos do populacho; milhares de cabeças de gado, ovelhas, cavalos e porcos foram levados; e nossos móveis e utensílios domésticos, mercadorias, prensa tipográfica e acessórios estragados, roubados ou inutilizados.

Muitos irmãos foram para o Condado de Clay, onde ficaram por três anos, até 1836; ali não sofreram violências, mas houve ameaças. No verão de 1836, tais ameaças assumiram forma mais séria, com reuniões públicas, aprovação de resoluções, promessa de vingança e destruição; e a situação mais uma vez assumiu feitiço perigoso; bastava o precedente no Condado de Jackson e como as autoridades de lá não interferiram, jactavam-se de que aqui seria o mesmo, o que se confirmou, quando recorremos a elas; e, após privação e pre-

juízos, mais uma vez fomos expulsos de nossas casas.

Em seguida, fixamo-nos nos condados de Caldwell e Daviess, onde formamos grandes núcleos, achando que, sendo regiões novas escassamente habitadas, nos livraríamos do poder opressor; mas não nos deixaram viver em paz; já em 1838, voltamos a ser atacados pelo populacho; o governador Boggs emitiu uma ordem de extermínio; sob a sanção da lei, o banditismo organizado assolou a região, expoliando-nos de nosso gado, ovelhas, porcos etc.; muitos dos nossos foram mortos a sangue frio, nossas mulheres foram violadas e fomos obrigados, a ponta de espada, a assinar documentos entregando nossas propriedades; e, após sofrer toda sorte de indignidade nas mãos de um bando de ímpios e desumanos malfetores, de doze a quinze mil homens, mulheres e crianças foram expulsos do próprio lar e propriedade



de que possuíam escritura garantida contra qualquer reivindicação de posse de terceiros, obrigando-os a vagar sem lar, sem abrigo e sem amigos (em pleno inverno) ou buscar asilo entre gente menos bárbara e plagas mais propícias. Muitos adoeceram e morreram em virtude do frio e privações sofridas; muitas mulheres ficaram viúvas, muitas crianças órfãs e carentes. Precisaria de mais tempo do que disponho para descrever as injustiças, os males, os assassinios, o sangue derramado, roubos, miséria e desgraças causados pelo bárbaro, desumano e ilegal procedimento do Estado de Missouri.

Na situação aludida, chegamos ao Estado de Illinois em 1839, onde encontramos um povo hospitaleiro e ambiente propício: um povo disposto a ser governado pelos princípios da lei e humanidade. Começamos a construir no Condado de Hancock uma cidade denominada "Nauvoo". Somos aqui de seis a oito mil, além de considerável número na região circunvizinha e quase todos os condados do estado. Temos uma carta constitucional devidamente aprovada, e uma carta patente para uma legião, cujo efetivo conta agora mil e quinhentos homens. Temos também permissão para uma universidade e associação agrícola e manufatureira, temos nossas próprias leis e administradores, e todos os privilégios usufruídos pelos demais cidadãos livres e esclarecidos.

A perseguição não impediu o progresso da verdade, servindo apenas para alimentar a chama que se espalhou com crescente rapidez. Ufanos da causa esposada e cônscios de sua inocência e da legitimidade do seu sistema, os élderes desta Igreja têm prosseguido, em meio à calúnia e reprovações, a semear o evangelho em quase todo estado da União; ele penetrou em nossas cidades, difundiu-se em nossos povoados, levou milhares de nossos cidadãos inteligentes, nobres, patrióticos a obedecer a seus mandatos divinos e ser governados por suas verdades sagradas. Chegou também à Inglaterra, Irlanda, Escócia e País de Gales, para onde foram mandados, em 1840, uns poucos missionários; acima de cinco mil juntaram-se ao Estandarte da Verdade, e muitos o continuam fazendo em todos os países.

Nossos missionários estão partindo para várias nações, e o Estandarte da Verdade foi hasteado na Alemanha, Palestina, Nova Holanda, Austrália, Índias Ocidentais e outros lugares; nenhuma profana mão pode impedir o progresso da obra; nem perseguições, turbas, exércitos, calúnias podem impedir a verdade de Deus de ir avante, corajosa, nobre e independente, até haver penetrado em cada continente, visitado todo clima, varrido cada país e soado em todo ouvido, até se cumprirem os propósitos de Deus, e o Grande Jeová dizer que o trabalho terminou.

Cremos em Deus, o Pai Eterno, e em seu Filho, Jesus Cristo, e no Espírito Santo.

Cremos que os homens serão punidos pelos próprios pecados e não pela transgressão de Adão.

Cremos que, por meio do Sacrifício Expiatório de Cristo, toda a humanidade pode ser salva pela obediência às leis e ordenanças do evangelho.

Cremos que os primeiros princípios e ordenanças do evangelho são: primeiro, fé no Senhor Jesus Cristo; segundo, arrependimento; terceiro, batismo por imersão para remissão dos pecados; quarto, imposição das mãos para o dom do Espírito Santo.

Cremos que o homem deve ser chamado por Deus, pela profecia e pela imposição das mãos, por quem possua autoridade para pregar o evangelho e administrar suas ordenanças.

Cremos na mesma organização existente na Igreja Primitiva, isto é, apóstolos, profetas, pastores, mestres, evangelistas etc.

Cremos no dom das línguas, profecia, revelação, visões, cura, interpretação de línguas etc.

Cremos ser a Bíblia a palavra de Deus, o quanto seja correta sua tradução; cremos também ser o Livro de Mórmon a palavra de Deus.

Cremos em tudo o que Deus tem

revelado, em tudo o que revela agora, e cremos que ainda revelará muitas grandes e importantes coisas pertencentes ao Reino de Deus.

Cremos na coligação literal de Israel e na restauração das Dez Tribos; que Sião (a Nova Jerusalém) será construída no continente americano; que Cristo reinará pessoalmente sobre a terra; e que a mesma será renovada e receberá sua glória paradisíaca.

Pretendemos o privilégio de adorar a Deus Todo-Poderoso de acordo com os ditames da nossa consciência e concedemos a todos os homens o mesmo privilégio, deixando-os adorar como, onde ou o que quiserem.

Cremos na submissão aos reis, presidentes, governadores e magistrados, como também na obediência, honra e manutenção da lei.

Cremos em ser honestos, verdadeiros, castos, benevolentes, virtuosos e em fazer o bem a todos os homens: na realidade, podemos dizer que seguimos a admoestação de Paulo — Cremos em todas as coisas e confiamos em todas as coisas, temos suportado muitas coisas e confiamos na capacidade de tudo suportar. Se houver qualquer coisa virtuosa, amável ou louvável, nós a procuraremos.

Respeitosamente etc.,

JOSEPH SMITH

(History of the Church, 4:535.)

---

NOTA: Este é o primeiro de uma série de artigos a respeito de importantes sermões e escritos dos presidentes da Igreja, desde Joseph Smith até o presente.



## “LEMBRA-SE DE MIM”?

Spencer W. Kimball

A fim de conseguir viver consigo mesmo, a pessoa que transgride tem que seguir um de dois caminhos: o primeiro é amortecer a consciência e embotar a sensibilidade com tranqüilizantes mentais, o que se consegue só em parte. O outro, arrepender-se e mudar de vida. Foi Alma quem disse que não há perdão sem arrependimento, nem arrependimento sem sofrimentos. (Alma 39:6.) Muita gente lamenta um pouco e pede perdão ao Pai Celeste com uma oraçãozinha ou duas. Mas isto não basta, se tiverem cometido pecado grave. Violar a lei da castidade é um dos mais sérios, vem logo após o assassinio. Naturalmente, pelo que sabemos, o assassinio não é perdoável nesta vida. Não se pode quebrar esta lei impunemente. Aquele que tiver transgredido essa lei deve procurar imediatamente o bispo ou presidência de ramo e abrir sua alma, expondo todo o caso, sem qualquer reserva. . .

Portanto, os pecados da humanidade podem ser perdoados, mas não ignorando-os. É preciso procurar as devidas autoridades eclesiásticas e resolver seus problemas. . .

(Amsterdão, sessão geral pp. 4-7.)

Quero mencionar um pequeno incidente acontecido no templo de Salt

Lake. Depois de celebrar o casamento de um jovem casal, uma senhora me seguiu, quando saí da sala, indagando com grande agitação: “— Élder Kimball, lembra-se de mim?”

Fiquei embaraçado; por incrível que seja, não conseguia lembrar-me dela. Finalmente respondi: “— Lamento, mas não consigo lembrar-me.”

Em lugar de ficar desapontada, mostrou grande alívio e alegria. Explicou: — “Estou tão grata por não lembrar-se de mim. Certa vez, meu marido e eu passamos uma noite inteira com o senhor, tentando emendar nossa vida. Havíamos pecado e lutávamos para nos livrar dele. O senhor passou uma noite inteira ajudando-nos. Nós nos arrependemos e mudamos completamente de vida. Estou contente que não se lembre de mim, porque, se o senhor, um apóstolo, se esqueceu de mim, talvez o Senhor tenha esquecido meus pecados.”

Com expressão aliviada, ela agradeceu, na esperança de que o Senhor não se lembrasse mais deles. Dizem as escrituras que, se nos arrependemos totalmente e mudarmos por completo de vida, ele não mais se lembrará de nossas faltas. (Amsterdão, sessão do sacerdócio, 7 de agosto de 1976, p. 6.)

